

EDITORIAL

Os arranjos espaciais têm se expressado no discurso da Geografia como um reflexo das diversas opções e contemporaneidade metodológicas. Sejam como narrativas descritivo-explicativas, mediadas ou não pela semiologia cartográfica de diversas filiações, o espaço traduz na sua organização a complexidade e as relações contraditórias da experiência humana sobre a superfície da Terra, sendo trabalhado, por exemplo, desde a escala da agricultura familiar urbana em bases solidárias à do agro-negócio globalizado. Recentemente, a crescente incorporação de tecnologias de informação e representação espaciais ao acervo de ferramentas da pesquisa geográfica, transcendeu os laboratórios e ganhou a sala de aula, nos forçando a incorporar a própria maneira de utilizar a técnica, dessa feita materializada como informação em tempo real, conquanto procedimento que nos permite construir o aprendizado com base na inserção empírica continuada da dinâmica e experiência espacial. Outra característica dessa ruptura na forma de lidar com a geoinformação é a possibilidade de recontar histórias sócio-ambientais dentro de recortes de tempos modulados conforme a singularidade dos processos analisados, seja na cidade ou nas bacias hidrográficas, ou no cambiante mundo rural.

Embora o crescente uso de geotecnologias, em si, não chegue a definir uma mudança de foco sobre os processos físicos ou sociais envolvidos na dinâmica de organização espacial, suas aplicações têm permitido a incorporação mais expedita, às investigações geográficas, de temáticas que estão na ordem do dia das preocupações em um mundo cada vez mais interligado em rede. O caso do impacto de eventos climáticos extremos sobre a (des)organização dos espaços urbanos e rurais é um dos mais singulares. Neste sentido, até a tradicional sobreposição de overlays temáticos, procedimento padrão para os esforços iniciais de regionalização, ganharam animação temporal e noção de magnitude dos inputs transformadores. A técnica assim transcende o mero fetiche da representação, e nos oferece novos elementos concretos para a busca das relações causais no espaço.

Por outro lado, algumas temáticas como o comércio intra-urbano tradicional, o surgimento de novos tipos de ruralidade ou a dinâmica de reorganização territorial das redes

urbanas, trazem à tona a permanência dos olhares do pesquisador da Geografia social sobre o papel dos diversos atores envolvidos na construção do espaço como um produto histórico e altamente contingenciado pelas deliberações de grupos eivados de intencionalidade e relações hierárquicas de acesso às tomadas de decisão.

O presente volume da Revista de Geografia (Recife) do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), nos brinda com um mosaico de estudos de caso em Geografia, que ao primeiro olhar pode sugerir uma fragmentação temática de flagrante pós-modernismo reiterado. Não obstante, os fios condutores da renovação procedimental e da Geografia como ciência-método da explicação do espaço e dos processos que levam aos seus peculiares ordenamentos, nos ajudam a manter a coesão e a singularidade da forma de contar histórias dessa ciência, sempre tão transitória e, portanto, tão essencial.

A Equipe Editorial da Revista de Geografia (Recife) deseja a todos uma excelente leitura!

*Dr. Antonio Carlos de Barros Correa
Membro do Comitê de Política Editorial
dbiase2001@terra.com.br*